

UMA PSICOLOGIA DA TEOLOGIA DA MULHER

A Psychology of Theology of Women

*Lais Mendes de Souza Vieira Sales **

Resumo:

O presente artigo estabelece diálogo entre a Psicologia Junguiana e a Bíblia enquanto Literatura. Buscamos, por meio do método sintético construtivo de Carl Gustav Jung e da Antropologia Bíblica, desvelar um fragmento da alma da mulher e da psicologia da Igreja para rememorar o essencial acerca desta instituição: sua identificação com o gênero feminino. De modo que, ao longo deste trabalho, poderemos notar que é impossível falar de Teologia ou de Evangelho sem identificar como se constitui a Psicologia Feminina. Assim, apresentamos uma Psicologia para a Teologia da Mulher.

Palavras-chave: Psicologia da Mulher, Teologia da Mulher, Igreja.

Abstract:

This article establishes a dialogue between Jungian Psychology and the Bible as Literature. Through Carl Gustav Jung's constructive synthetic method and Biblical Anthropology, we seek to unveil a fragment of the soul of the woman and the psychology of the Church to recall the essential aspect of this institution: its identification with the female gender. Thus, throughout this work, we will notice that it is impossible to speak of Theology or the Gospel without identifying how Feminine Psychology is constituted. Thus, we present a Psychology for the Theology of Women.

Keywords: Psychology of Women, Theology of Women, Church.

* Psicóloga Clínica, Poeta e Pesquisadora. Mestra em Psicologia pela UFRRJ-PPGPSI. Doutoranda em Psicologia na UFRRJ-PPGPSI. Bolsista Capes. E-mail: narrativasagradas@gmail.com.

Introdução

Apresento ao longo deste artigo um diálogo entre a Psicologia Junguiana e a Literatura Bíblica, promovido com a intenção de desvelar o valor da mulher nas Sagradas Escrituras, especificamente a partir do livro de Marcos 5:21-43.

Para tal, opto por apresentar a narração da narrativa junto à análise junguiana da mesma, desvelando a mulher como símbolo para a realidade psíquica do Evangelho.

Em um segundo momento, observo como Deus se apresenta enquanto Mãe de Israel, figurando um outro aspecto do Self, conceito junguiano que explicito ao longo do trabalho e que revela a Mulher como Imagem de Deus.

Escolhi como referências principais para desenvolver esta pesquisa-narrativa a psicóloga junguiana Marie-Louise von Franz, por seu estudo de mitos e contos, e a professora doutora Lídice Meyer Ribeiro Pinto, que me apresentou à Antropologia Bíblica, ferramenta através da qual se pode analisar a Bíblia por meio de uma abordagem interdisciplinar.

Ao fim, apresento o principal desafio desta época: desvelar o valor do Sagrado Feminino e promover a integração deste à força patriarcal.

A mulher como símbolo da alma

Ao observarmos a Literatura Bíblica por meio do método sintético construtivo desenvolvido por Carl Gustav Jung, reunimos ao longo do texto de Marcos 5:21-43 significantes em torno das expressões “Mulher” e “Menina”, que se repetem ao longo da Bíblia como um todo.

Notamos como a figura de Cristo, enquanto Resgatador, reflete aspectos de Deus que a Bíblia Hebraica apresenta fortemente na literatura de Isaías quanto à esperança messiânica. Israel, enquanto noiva do Senhor, aguardava a redenção do tempo de Cativo Babilônico.

Marie-Louise von Franz, psicóloga que trabalhava junto de Jung na formulação da Psicologia Complexa, apresentou a possibilidade de

compreendermos a narrativa bíblica como uma saga que, desenvolvendo-se de modo local, expandiu-se para o mundo, levando a Boa-Nova a partir da Igreja Primitiva. A autora nos conta que o principal motivo de a Igreja ter alcançado tantas vidas era a narrativa de esperança que trazia.

“Os primeiros cristãos se sentiam mais vivos, possuindo maior vitalidade, entusiasmo, uma atitude cheia de esperanças e eram ainda socialmente muito ativos; enquanto os pagãos estavam desiludidos e o seu espírito enfraquecido. E essas foram as razões para a propagação do cristianismo. As pessoas procuram sinais de vitalidade e juntam-se ao movimento que parece fazê-las sentir um bem-estar interior e exterior. É assim que um novo sistema demonstra sua superioridade e ganha a alma (a filha do rei) — em outras palavras, a alma do homem”.¹

Nesta citação Von Franz está interpretando um conto que retrata o resgate da alma humana, chamada por ela de Filha do Rei devido ao conto, mas também dada a simbologia da alma em relação a um aspecto do *Self*. Na Psicologia Junguiana, compreendemos como alma uma atitude interna em relação aos acontecimentos da vida, que nos possibilita relacionar-nos com a Fonte da Vida, que reside em potência no inconsciente.

Na maior parte dos contos de fadas analisados por Von Franz, é difícil discernir quando um conto narra uma história apenas sobre a alma e quando fala da realidade de uma mulher, pois a mulher aparece sempre associada à realidade anímica em uma narrativa. É justamente isso que ela simboliza.

Ao compreender o cristianismo primitivo como uma saga que se expande ao mundo, podemos aplicar a mesma técnica que Von Franz utiliza para analisar mitos, sonhos, contos e filmes para observar o desenvolvimento de uma temática na Literatura Bíblica, pois compreendemos que a Bíblia é (também) literatura.

¹ VON FRANZ, 1990, p. 111.

A autora nos apresenta quatro elementos centrais para observar uma elaboração simbólica: exposição de tempo e lugar, enredo, peripeteia e desfecho. Apresentarei a Boa-Nova na mulher segundo esta perspectiva.

Escolhi o texto de Marcos 5:21-43 para apresentar uma síntese do significado do Evangelho a nível psicológico e desvelar uma Psicologia da alma da Mulher. É importante ressaltar que, ao fazer esta leitura dos textos bíblicos, pretende-se investigar seus efeitos psíquicos, que possibilitam uma Teologia, um estudo da manifestação de Deus na alma da mulher.

A narrativa inicia com Jesus entre a multidão na Galileia, quando Jairo, um pai que muito ama a sua menina, lhe pede socorro, pois sua filha está morrendo. Talvez a leitora ou leitor se pergunte o que este texto nos fala sobre Psicologia e em que pode contribuir para uma Psicologia e Teologia da Mulher.

Na Psicologia Junguiana compreendemos que a alma encontra-se naturalmente dissociada, isto é, fragmentada, quando não está alinhada com o Arquétipo Central ou *Self*. Este rege e cultiva a personalidade rumo a realização de seus potenciais e desta *Imago Dei*².

Assim, no início do texto, vemos Jesus entre a multidão, que pode simbolizar para nós a fragmentação da psique. O Cristo que reconcilia tudo e todos, é visto como símbolo do Si-Mesmo (*Self*) na Psicologia desenvolvida por Carl Gustav Jung³.

O pai da menina é o ego, a consciência que vai ao encontro do Si-Mesmo em busca de renovo. Assim, estamos tratando aqui do eixo ego- Si-Mesmo, central nesta psicologia apresentada, lidamos com tema do retorno à imagem que desvela um Caminho para a Vida.

Enquanto Jairo solicitava auxílio de Jesus, uma mulher toca a orla de suas vestes. Esta sofria há 12 anos de uma hemorragia, não havia quem pudesse curá-la. Mas, com fé, moveu-se até Jesus e sentiu em seu corpo ser liberta do sofrimento.

² EDINGER,2020, p. 19.

³ Ibid.

Jesus sentiu que alguém lhe tocara. Uma Mulher foi curada, no caminho para ressuscitar uma menina. Esta pequena narrativa, nos conta algo profundamente relevante para a psique feminina: não há ressurreição da menina, que para nós, figura a alma, sem cura da mulher.

A Bíblia não associa as duas figuras como uma. Também não o faço em relação a Literatura, quero apenas contar como este fato pode ser compreendido como uma realidade psíquica: a menina e a mulher precisam encontrar-se com o Restaurador de Espelhos. Esta é uma grande história para a contemporaneidade!

Jesus chama a Mulher que toca suas vestes com fé de Filha. Ela é a primeira no Novo Testamento a ser chamada assim. Enquanto a Mulher comemorava sua cura, más notícias chegam da Casa de Jairo, sua filha estava morta.

O Messias incentiva aquele pai a continuar crendo, segundo Ele, sua filha apenas dormia. O Restaurador de Espelhos é também, aquele que Desperta a Alma do sono da morte. Outra grande história, que aliás, muito se repete em temas de contos de fada e na vivência do Evangelho a nível psicológico.

Não quero dizer que a Bíblia é um conto de fadas. Gostaria apenas de lembrar que estes, principalmente, os que foram revisados pelos Grimm, muito se nutriram da Mitologia Cristã e partilharam diálogos com outras literaturas de diferentes culturas⁴. Mito é algo que funda a consciência de um povo, nação ou pessoa.

Sendo assim, aquela menina ali deitada é a própria alma que ao perder-se do Caminho, é encontrada via humildade do ego e diálogo com o Si-Mesmo, Arquétipo de Deus na Alma. A menina tem suas mãos tocadas por Jesus. Ele lhe diz “Talitá cumi”, que significa “Menina, eu digo a você: Levanta-se!”⁵.

⁴ MURPHY, 2000.

⁵ Marcos 5: 41.

E, no mesmo instante aquela menina se levantou. Curioso fato nos conta a narrativa: a Mulher sofria há 12 anos aquela hemorragia e foi curada, e a menina tinha 12 anos de idade e foi ressuscitada.

Este número está associado às tribos de Israel⁶, aos doze discípulos de Jesus designados como apóstolos⁷ e aos muros com doze portas da Nova Jerusalém em Apocalipse⁸. É como se a literatura sinalizasse por meio deste número a restauração em totalidade da saúde. No trecho que estamos nos dedicando a observar, o número 12 comunica a restauração total da saúde da mulher e da menina por meio da intervenção de Jesus, a encarnação do Si-Mesmo.

Neste sentido, as figuras femininas retratadas em Marcos 5:21-43, abrem nossos olhos para a observação da mulher como símbolo da alma e do grande drama das Escrituras: a restauração da Imago Dei na humanidade. Jesus se revela a Mulher e a Menina, justo quando as possibilidades humanas foram esgotadas.

Isso significa em termos psicológicos, que a experiência do aspecto de suporte da psique arquetípica tem mais probabilidades de ocorrer quando o ego exauriu seus recursos próprios e está consciente de que, por si mesmo, é essencialmente incapaz: O limite do homem é a oportunidade de Deus⁹.

Ao longo da narrativa bíblica, a mulher foi diversas vezes associada a Casa de Israel, a Filha de Sião, a Noiva do Senhor¹⁰. Um dos textos mais belos neste sentido é escrito pela tradição de Isaías:

“Por amor de Sião, não me calarei e, por amor de Jerusalém, não me aquietarei, até que a sua justiça saia como um resplendor, e a sua salvação, como uma tocha acesas. As nações verão a sua justiça, ó Jerusalém, e todos os reis contemplarão a sua glória; e você será chamada por um nome novo, a boca do Senhor designará. Você será uma coroa de glória na mão do Senhor, um diadema real na mão do seu Deus. Nunca mais a chamarão de "Abandonada", e a sua terra não será mais chamada de "Arrasada". Você será chamada de

⁶ Gênesis 49:28.

⁷ Lucas 6:13.

⁸ Apocalipse 21:12-14.

⁹ Ibid., p. 68.

¹⁰ Oséias. Cantares de Salomão. Isaías 61:10, Isaías 62: 1-5.

"Minha Delícia", e a sua terra, de "Casada", porque o Senhor se delicia em você, e a sua terra se casará. Porque, como o jovem se casa com a moça, assim os seus filhos se casarão com você; como o noivo se alegra com a noiva, assim o seu Deus se alegrará com você."¹¹

Conforme Quefrén de Moura¹², a jovem na Bíblia hebraica é uma metáfora poderosa da Terra e do povo, que espera redenção vinda do Senhor, tal como um pai ou um esposo que muito ama aquela com quem estabelece sua aliança. Deus é o resgatador, o *go'el*, da mulher em sofrimento, da alma em sofrimento.

Se é assim, por que ao longo da história Ocidental nos afastamos desta imagem a ponto de fazer mulheres questionarem a imagem de Deus que carregam? Nós que levamos os seios que revelam a saciedade e beleza dos aspectos divinos da vida em Aliança com Deus. Nós, cujo corpo gera um novo ser. Nós, que estamos tão fortemente associadas ao Espírito Santo, adornadas e santificadas pela Presença até que o Casamento Sagrado se dê, quando Noivo voltar¹³.

A Igreja precisa lembrar-se que não é Cristo e, se realmente se identifica com Ele, precisa agir como tal. Jesus Cristo é o grande símbolo que permeia o imaginário-mítico ocidental quando falamos de uma imagem do homem-Deus. Recordo-me das palavras de Jesus aos seus discípulos com registro no Evangelho de Mateus 16:15 "E vós, quem dizeis que eu sou?". Ao observarmos o comportamento de Cristo nas situações descritas nos Evangelhos, notamos como a imagem bíblica difere dos homens que se fizeram deuses.

Cristo acolhia o diferente oferecendo compaixão como fez com a mulher que foi pega em adultério e que conforme a lei merecia a pena de morte por

¹¹ Isaías 62: 1-5. Bíblia Sagrada, Nova Almeida Atualizada. 2017.

¹² 2022.

¹³ Apocalipse 22: 17.

apedrejamento¹⁴. Trazia a conexão com a natureza em suas parábolas e a vivia a ponto de dialogar com fenômenos naturais como o vento e o mar¹⁵.

Carlos Byington, analista junguiano descreve o Mito Cristão dentro da posição de Alteridade, ou seja, nele estão conjugados o matriarcal e o patriarcal¹⁶. Porém, “a ligação entre o Arquétipo da Alteridade constelado no Mito Cristão e o humanismo da cultura ocidental não foi ainda conscientizada em maior grau devido a patriarcalização do Mito durante sua institucionalização”¹⁷.

A Igreja é Mulher. A Psicologia Junguiana, utiliza um conceito para descrever quando alguém se identifica com a imagem parcial de Deus, usurpando-lhe aspectos e impondo poderes que não são seus: inflação. A inflação que a Igreja Ocidental vivenciou e em algum sentido, ainda vivencia, precisa levá-la a humildade de Jairo e da Mulher Samaritana, que encontram Jesus redescobrem o sentido da Vida. Esta é mais uma das histórias importantes para a contemporaneidade.

A mulher e como imagem de Deus

Outra dimensão essencial a ser destacada quando falamos da Psicologia e Teologia da Mulher, é sua proximidade com o Espírito Santo. A mulher é associada a Sabedoria e a geração de vida ao longo da Bíblia. Lidice Meyer Pinto Ribeiro¹⁸ nos revela por meio de um olhar antropológico como a Bíblia desvela uma *Imago Dei* Feminina.

Para a estudiosa e grande referência em Antropologia Bíblica¹⁹, o Sagrado Feminino é compreendido como uma dimensão de espiritualidade feminina, na

¹⁴ João 8:15.

¹⁵ Mateus 16:26.

¹⁶ O analista prefere os termos matriarcal e patriarcal a matriarcado e patriarcado, compreendendo que estes termos abrem a possibilidade de vislumbre e vivência de ambos qualquer que seja o gênero da pessoa. Ao matriarcal refere-se tudo que é sensível (sensualidade em múltiplos aspectos) e ao patriarcal, caracteriza-se pela organização (BYINGTON, 2015, p.135).

¹⁷ Ibid, 2015, p. 270.

¹⁸ 2022.

¹⁹ Ibid.

qual, símbolos associados a mulher e ao corpo feminino, revelam atributos de Deus.

Podemos notar um antropomorfismo feminino de Deus apresentando-se, como Mãe que gera e pare ao seu bebê: “Ora por muito tempo me calei, estive em silêncio e me contive; darei gritos como a mulher que está dando à luz, e ao mesmo tempo ofegarei, e estarei esbaforido”²⁰.

Ou ainda comparando seu amor por Israel, tal qual o amor de uma mãe por um filho que amamenta:

“O SENHOR responde: Será que uma mulher pode se esquecer do filho que ainda mama, de maneira que não se compadeça do filho do seu ventre? Mas ainda que esta viesse a se esquecer dele, eu, porém, não me esquecerei de você”²¹.

As imagens bíblicas que revelam uma antropomorfização do Deus-Mãe ecoam a bênção de Israel a seus descendentes em Gênesis 49:25, trecho em que Jacó associa o Todo-Poderoso com a imagem da mãe: “pelo Deus de seu pai, que o ajudará, e pelo Todo-Poderoso, que o abençoará com bênçãos dos altos céus, com bênçãos das profundezas, com bênçãos dos seios e do ventre”.

O livro do profeta Oséias, nos apresenta a imagem da mãe que ensina seu filho a caminhar e dá de comer a ele, enquanto a criança perde-se em seus passos e algumas vezes até nega de quem vem a cura e a saúde.

“Quando Israel era menino, eu o amei; e do Egito chamei o meu filho. Quanto mais eu os chamava, tanto mais se afastavam de mim; sacrificavam a baalins e queimavam incenso às imagens em escultura. Mas, fui eu que ensinei Efraim a andar, tomei-os nos meus braços, mas eles não entenderam que era eu que os curava. Atraí-os com cordas humanas, com laços de amor; fui para eles como quem alivia o jugo de sobre o pescoço e me inclinei para dar-lhes de comer”²².

Sim, também, em Oséias e em outras partes da Bíblia vemos outras imagens para o corpo feminino, associando-o ao perigo, a sensualidade que

²⁰ Isaías 42:14.

²¹ Isaías 49: 15.

²² Oséias 11:1-4

conduz a perda de si e do Divino, tal como na literatura de Provérbios sobre a mulher imoral:

“Ela não faz plana a vereda da vida; anda errante nos seus caminhos e não o sabe. E agora, meu filho, escute o que eu digo e não se desvie das palavras da minha boca. Afaste o seu caminho dessa mulher; não se aproxime da porta da casa dela.”²³

Contudo, não podemos fazer Psicologia ou Teologia apenas a partir de uma imagem fragmentada. A Bíblia nos convoca a pensar o ser humano em integralidade em sua relação com Deus. A Psicologia Junguiana, resgatando a Mitologia e Teologia Bíblica, propõe-se a pensar o ser humano em seu caminho de desenvolvimento psicológico como alguém, cujo ego é formado a partir da Imagem de Deus em si, nas palavras do pós-junguiano Edward Edinger: “o desenvolvimento psicológico, em todas as suas fases, é um processo de redenção”²⁴.

Sendo assim, é essencial olhar para a mulher além da narrativa de teologia da queda. É preciso observar a imagem da mulher criada como reflexo de Deus. Esta é justamente a crítica que Carlos Byington traz ao cristianismo desenvolvido no Ocidente. E, o autor convoca a elaborarmos a imagem do Sagrado Feminino na Mitologia Cristã, se quisermos que a vida no ocidente seja renovada.

A repressão do feminino no Ocidente, pode ter ocasionado até mesmo a emergência da Psicologia Profunda com Freud chamando às mulheres de histéricas. Quando a imagem dos aspectos divinos matriarcais e a dimensão da alma é negada, temos um aprisionamento tanto do corpo, quanto da própria psique feminina causando feridas em pessoas e nações. Byington nos comunica isto, analisando o fenômeno brutal da Inquisição.

“A repressão da mulher e o ataque a ela como bruxa, devido a projeção nela dos arquétipos reprimidos da Grande Mãe e da alma [alma], necessitam ser compreendidos junto a histeria, que é um

²³ Provérbios 5: 6-8.

²⁴ EDINGER, 2020, p. 46.

quadro patológico formado basicamente pela disfunção dos arquétipos matriarcal e de alteridade”²⁵.

Existe um desafio presente na contemporaneidade no fazer teológico: é preciso recobrar o valor e a dimensão do sagrado feminino na literatura bíblica para compreender o sentido da Boa-Nova como Noiva do Cordeiro e apresentar ao mundo o Evangelho tal como o Deus-Mãe que insiste em cuidar, nutrir e zelar por seus filhos e filhas.

Conclusão

A vivência da Boa-Nova por meio do corpo feminino é de uma profundidade ímpar. Ao longo deste trabalho destaquei, tendo por auxílio a Psicologia Junguiana e a Antropologia Bíblica, como a narrativa de Marcos 5:21-43 nos revela a Casa de Israel, o Povo de Deus, enquanto Mulher.

Notamos como a alma e a mulher estão relacionadas na Sagrada Escritura. Revelando-nos uma Teofania do Cristo que se desvela quando as forças da consciência se esvaem, então o *Self*, atua como Resgatador e o Drama da Escritura é vivenciado.

Em um segundo ponto, percebemos como a Bíblia, nos apresenta a imagem de Deus revelada por meio do corpo feminino em sua antropomorfização.

Ao promover o diálogo entre Psicologia Junguiana e Literatura Bíblica por meio da Antropologia, é inevitável a sensação de encantar-se novamente com esta narrativa milenar, que acontece todos os dias nas almas que se encontram com a Fonte da Vida e desvelam uma Psicologia da Teologia da Mulher.

Bibliografia

BYINGTON, Carlos Amadeu. (2000). Prefácio. In: *O Martelo das Feiticeiras*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Ventos.

²⁵ BYGNTON, 1997.p. 38.

- BYINGTON, Carlos Amadeu. (2015). *Psicologia Simbólica Junguiana*. São Paulo: Carlos Amadeu Botelho Byington.
- EDINGER, Edward F. (2020). *Ego e Arquétipo*. São Paulo: Cultrix.
- MURPHY, Ronald. G. (2000). *The Owl, the Raven & The Dove*. New York: Oxford University Press.
- RIBEIRO, Lidice Meyer Pinto. (2022). *O Sagrado Feminino nas Origens do Antigo Israel*. Aula proferida no curso on-line “O Sagrado Feminino no Antigo Testamento” pela Lusófona-X. nov/dez 2022. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- VON FRANZ, Marie Louise. (1990). *A Interpretação dos Contos de Fada*. São Paulo: Paulus.